

*Clássicos da Literatura Brasileira*  
**Contos Escolhidos**

Artur Azevedo  
Ilustrações:  
Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Contos Escolhidos

Artur Azevedo

# Contos Escolhidos

Artur Azevedo

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editor

Lécio Cordeiro

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de arte

Wilton Carvalho

## Projeto Gráfico

Roseane R. Nascimento

## Coordenação Editorial



## Direitos Reservados à

**Editora Prazer de Ler Ltda.**

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

## Impresso no Brasil

Q3c Queiroz, Malthus de, 1976-  
Contos escolhidos / Artur Azevedo ; adaptação Malthus de  
Queiroz ; ilustrações Eduardo Schloesser. – Recife : Prazer de  
Ler, 2012.

80p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.  
Azevedo, Artur, 1855-1908. II. Schloesser, Eduardo, 1962-  
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-0324

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-196-2

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram  
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

# Contos Escolhidos

# Sumário

A ama-seca.....	9
Chico .....	14
Dona Eulália.....	20
Encontros reveladores .....	26
A melhor amiga .....	30
A “Não-me-toques” .....	36
O palhaço (História triste para um dia alegre) .....	44
Toc,toc,toc,toc... ..	48
Uma aposta.....	53
“Barca” .....	58
O cuco .....	61
Paulino e Roberto .....	65
De cima para baixo .....	70
História de um dominó .....	75
O retrato.....	78

## A ama-seca<sup>1</sup>

O Romualdo, marido de D. Eufêmia, era um rapaz sério, lá isso era, e tão incapaz de cometer a mais leve infidelidade conjugal como de roubar o sino de São Francisco de Paula; mas — vejam como são as coisas! — um dia D. Eufêmia foi chamada, a toda a pressa, a Juiz de Fora, para ver o pai, que estava gravemente doente, e, como o Romualdo não podia naquela ocasião deixar a casa comercial onde era contador (estavam fazendo balanço), aceitou ver partir a senhora acompanhada pelos três meninos, o Zeca, o Cazuza, o Bibi, e a ama-seca deste último, que era ainda de colo.

Foi a primeira vez que o Romualdo se separou da família. Custou muito para ele, coitado, e mais ainda quando, ao fim de uma semana, D. Eufêmia lhe escreveu, dizendo que o velho

<sup>1</sup> Babá que amamenta.

estava livre de perigo, mas a melhora seria longa, e o seu dever de filha era ficar junto dele um mês pelo menos.

O Romualdo não disse nada. Fazer o quê...!

Durante os primeiros tempos, saía do escritório e se metia em casa; mas no fim de alguns dias entendeu que devia dar alguns passeios pelos subúrbios, hoje este, amanhã aquele. Era um meio, como outro qualquer, de iludir a saudade.

Uma noite foi a vez do Andaraí Grande. O Romualdo tomou o bonde do Leopoldo e teve a sorte ou a desgraça de se sentar ao lado da mulatinha mais dengosa e bonita que já tentou um marido, cuja mulher estivesse em Juiz de Fora.

Nessa noite fatal, a virtude do Romualdo sumiu: pretendendo ele ir até o fim da linha, como fazia todas as noites, desceu na Rua Mariz e Barros, ali pelas alturas da Travessa de São Salvador. A mulata havia descido um pouco antes. E ele viu, à luz de um lampião, o vulto dela saltitante e rápido, e apressou o passo para apanhá-la, o que conseguiu facilmente, porque, pelos modos, ela já contava com isso.

— Boa noite!

— Boa noite.

— Como se chama?

— Antonieta.

— Pode me dar uma palavra?

— Por que não falou no bonde?

— Era impossível... tinha tanta gente... e esses veículos elétricos são tão iluminados.

— Mas o “sinhô” se mexeu que foi uma graça! Vamos, diga: que deseja?

— Desejo saber onde mora.

— Não tenho casa minha; “tou” empregada numa “famia” ali mais “adiente”, por “siná” não estou satisfeita e ando procurando outra arrumação.

— Onde poderemos falar em particular?

— Não sei.

— Você sai amanhã à noite?

— Amanhã não, porque saí hoje, e não quero “abusá”.

— Então, depois de amanhã?



— Pois sim.

— Onde a espero?

— Onde o “sinhô” “quisé”.

— Na Praça Tiradentes, no ponto dos bondes. Às oito horas.

— Na porta do armazém do Derby?

— Isso!

— Combinado! “Inté” depois d’amanhã às oito “hora”.

— Não falte!

— Não “farto” não!

No dia seguinte, o Romualdo contou a sua aventura a um companheiro de escritório que era experiente nessas cavalarias... baixas, e o camarada aprovou tanto o fato que chegou ao ponto de lhe dar a chave de um ninho que tinha preparado para os contrabandos do amor.

Antonieta foi pontual; à hora marcada, lá estava à porta do Derby, com ares de quem esperava o bonde.

O Romualdo se aproximou, fez um sinal, afastou-se, e ela o seguiu...

Dez dias depois, ele estava muito arrependido da sua conquista fácil e com remorsos de haver enganado D. Eufêmia, aquela santa! Procurava agora meios e modos de se ver livre da mulata, cuja pronúncia era capaz de lançar água na fervura da mais violenta paixão.

Vendo que não podia evitá-la, o Romualdo resolveu fugir dela e, uma noite, deixou-a à porta do ninho, esperando inutilmente por ele. Lembrou-se, mas era tarde, que havia prometido lhe dar um anel, justamente nessa noite.

— Diabo!, ele pensou, Antonieta vai achar que fugi dela por causa do anel!

D. Eufêmia voltou, afinal, de Juiz de Fora. Veio no trem da manhã, inesperadamente, e já não encontrou o marido em casa. Estava furiosa, porque a ama-seca de Bibi tinha ficado na estação da Barra. Podia ser que não fosse de propósito. O mais certo, porém, era ter sido ela desencaminhada por um sujeito que vinha no trem namorando-a desde Paraibuna.

Quando D. Eufêmia contou isso ao marido, acrescentou indignada:



SCHLOSSER

— Que homens sem-vergonha...! Não podem ver uma mulata...!

O Romualdo perturbou-se, mas disfarçou, perguntando:

— E agora? É preciso anunciar! Não podemos ficar sem ama-seca!

— Já mandei o Zeca pôr um anúncio no *Jornal do Brasil*.

No dia seguinte, o Romualdo saiu muito cedo; ao voltar para casa, a primeira coisa que perguntou à senhora foi:

— Então? Já temos ama-seca...?

— Já; é uma mulatinha bem jeitosa, mas tem cara de sapeca. Chama-se Antonieta.

— Hein? Antonieta?

— Que tens, homem?

— Nada; não tenho nada... É jeitosa...? Tem cara de sapeca...? Manda-a embora! Não serve! Nem quero vê-la...!

— Ora essa! Por quê? Olha, ela vem aí.

Antonieta chegou, realmente, com o Bibi ao colo; mas o Romualdo tinha fechado os olhos, dizendo consigo:

— Que escândalo...! Explode a bomba...! Este diabo vai reclamar o anel!

Mas como não tinha ouvido nada, o miserável abriu os olhos e — oh!, milagre! — era outra Antonieta!

Ele pensou, os leitores também pensaram que fosse a mesma; não era.

Decididamente, há um Deus para os maridos que enganam as suas mulheres.

## Chico

Um dia o Chico, moço muito dedicado a servir a todos, muito amigo do seu amigo, foi chamado à casa do Dr. Miranda, que o conhecia desde pequeno e abusava sempre do seu caráter gentil e humilde.

— Mandei te chamar, meu rapaz, para te deixar responsável por uma missão que só tu poderás desempenhar do jeito que eu gosto.

— Estou às suas ordens.

— Conheces a Maricota, minha irmã. É uma boba que, quando era mocinha, rejeitou bons casamentos, sempre à espera de um príncipe, como nos contos de fadas, e agora, que vai caminhando a passos gigantes para os quarenta, caiu de amores por um tipo que costuma passar cá por casa, e nem ela, nem eu sabemos quem é.

— Ele se chama...?

— Alexandrino Pimentel. É o nome com que assinou a carta,

com poucos dizeres, em que declarou à Maricota que a amava e desejava ser seu esposo. Já me disseram (e é tudo que sei a seu respeito) que esteve empregado na estrada de ferro, onde não demorou muito tempo. Preciso de mais informações a respeito desse indivíduo e, para consegui-las, lembrei-me de ti, que és esperto e conheces meio mundo.

O Chico disfarçou uma careta.

— Minha irmã, continuou o Dr. Miranda, já fez 37 anos, mas é minha irmã, e eu, como chefe de família, farei o possível para evitar que ela se ligue a um homem que não seja um homem de bem, não achas?

— Certamente.

— Portanto, meu rapaz, peço que perguntes e venhas me dizer quem é, realmente, esse Alexandrino Pimentel, que quer ser meu cunhado. Peço igualmente que termine essa missão com o mais rápido possível, pois, uma senhora de 37 anos, quando lhe falam em casamento, fica assanhada que nem um macaco a quem se mostra uma banana.

O Chico pôs-se a coçar a cabeça e não disse nada. Bem sabia quanto era espinhosa tal missão, mas não tinha forças para recusar os seus serviços a pessoa alguma, e muito menos ao Dr. Miranda, que era o seu médico, já o havia sido de seus pais e nunca tinha mandado a conta para eles.

— Está dito?

— Está dito. Vou perguntar quem é o tal Alexandrino Pimentel, e pode contar que dentro de três ou quatro dias terá os esclarecimentos que deseja.

No mesmo dia, o Chico foi falar com um velho camarada, empregado antigo da Central, e lhe perguntou se conhecia um sujeito que tinha estado ali algum tempo, chamado Alexandrino Pimentel.

— Um bêbado! — respondeu na hora o outro.

— Bêbado?

— Bêbado, sim! Foi por isso que o Passos o colocou na rua!

— Mas será que não se corrigiu?

— Não sei; nunca mais ouvi falar nele. Quem pode informar isso a ti com segurança é o Trancoso. Sim, que ele era casado com a filha do Trancoso, por sinal que não se dava com o sogro.

— Casado?

— Casado, sim!

— Quem é esse Trancoso?

— Um ex-colega meu, aposentado há uns quatro anos. Mora lá para os lados de Inhaúma.

— Podes me dar um bilhete de apresentação para ele?

— Pois não!

No dia seguinte, o Chico estava em Inhaúma, à procura do tal Trancoso, que já não morava lá; havia seis meses que tinha se mudado para Copacabana, onde comprara uma casinha; entretanto, o pobre rapaz não desistiu diante de um tremendo aborrecimento e, no outro dia, depois de duas horas de investigação, batia à porta do Trancoso.

Veio abrir um velho asmático, envolvido numa capa, lenço de seda ao pescoço, gorro enterrado até as orelhas, barba por fazer, cara de poucos amigos.

Quando o Chico pronunciou o nome de Alexandrino Pimentel, o velho enfureceu-se, gritando que nada tinha a ver com “esse bandido”!

— Mas ele não é seu genro?

— Foi por desgraça minha, mas já não é, pois deu tantos desgostos à minha filha que a matou!

— Eu desejava apenas tomar algumas informações a respeito desse homem. Trata-se de coisa grave. Ele pretende se casar uma segunda vez, e foi a família da noiva que me pediu para...

— Pois, meu caro senhor, as informações que tenho a lhe dar são as seguintes: o sujeito de quem se trata é malandro, bêbado, jogador sem caráter e bruto. Bruto a ponto de bater, como batia na sua própria mulher! Se a tal senhora com quem ele pretende se casar quiser passar fome e ser depósito de pancada, não poderá escolher melhor! E agora, meu caro amigo, que tem as informações que desejava, passe muito bem! Deixe-me em paz, porque sou doente, e as visitas me aborrecem!

Dizendo isso, o velho foi empurrando o Chico para a porta da rua.

Este saiu perfeitamente informado a respeito de Alexandrino Pimentel, mas, ao ar livre, refletiu que todas essas informações, partindo de um homem tão apaixonado e tão grosseiro, poderiam ser, pelo menos até certo ponto, injustas; por isso, pôs-se de novo em campo e, indaga daqui, pergunta dacolá, chegou, depois de conversar com dez ou doze pessoas confiáveis, à firme certeza de que tudo aquilo era a pura expressão da verdade.

Essas pesquisas tomaram-lhe mais tempo do que os três

ou quatro dias dentro dos quais prometera voltar à casa do Dr. Miranda. Quando voltou, já os amores de Maricota e Alexandrino haviam assumido proporções consideráveis, e o Dr. Miranda tinha revelado à irmã que o prestativo Chico tinha se encarregado de tomar informações a respeito do pretendente.

— Que diabo! Pensei que você não ia aparecer mais — exclamou o médico ao ver então o seu cliente gratuito.

— A coisa deu mais trabalho do que eu achava, e eu não quis deixar nada no ar. Trago-lhe informações seguras!

— Boas ou más?

— Péssimas.

O Dr. Miranda chamou a irmã, que atendeu logo.

— Olha, Maricota, aqui tens o Chico; vai nos dizer quem é o teu Pimentel.

— Pois diga! — resmungou Maricota com um olhar zangado, adivinhando os horrores trazidos pelo Chico.

Este voltou-se para o Dr. Miranda e lhe disse:

— O senhor me coloca numa situação difícil. Achei que isso iria ficar entre nós dois, mas agora, na presença de D. Maricota, sinto-me acanhado e com medo, porque não posso dizer senão a verdade, e a verdade é muito desagradável.

— Minha irmã é a principal interessada neste assunto, falou de volta o doutor, e deve até agradecer-lhe o trabalho que você teve com essa investigação. O seu dever de amigo está cumprido; ela que o ouça e faça o que entender; é senhora das suas ações.

O Chico, já arrependido de haver se metido naquele incidente de família, contou com todos os detalhes, as providências que tinha tomado e o resultado a que chegara.

Quando ele acabou o relatório:

— Tudo isso é calúnia, calúnia, calúnia descarada! — gritou Maricota, danada de raiva e batendo o pé. — E, mesmo que seja verdade, gosto dele. Ele gosta de mim, e seremos um do outro, venha embora o mundo abaixo!

Não houve palavras que a convencessem de que tal casamento seria um desastre. Diante da vergonha com que ela ameaçou o irmão de sair de casa para ir ficar com o seu amado, o Dr. Miranda curvou a cabeça, e o casamento se fez. Fez-se, e não há notícia de casal mais feliz!

Alexandrino, que tinha se empregado numa importante casa comercial, era um marido atencioso, dedicado, carinhoso e cuida-

Contos Escolhidos

doso; não ia a passeio ou a divertimento sem levar Maricota; não bebia senão água; não jogava senão cartas em família — e todas essas virtudes eram naturalmente realçadas pela terrível perspectiva de que ele seria o contrário.

— Maricota tirou a sorte grande! — diziam os amigos e parentes, inclusive o Dr. Miranda.

Este, desde que as virtudes do cunhado se manifestaram, começou a tratar com frieza o informante.

O pobre Chico perdeu o amigo e o médico, foi odiado por Maricota por ter pretendido impedir a sua aventura, e o regenerado Pimentel, quando soube da missão que ele desempenhara, segurou-o um dia com as duas mãos pela gola do casaco e sacudiu-o dizendo-lhe:

— Eu devia quebrar a tua cara, miserável, mas te **perdo**, porque és um desgraçado!

Moralidade do conto: ninguém se meta na vida alheia, principalmente quando se trate de evitar um casamento fora de época.





## Dona Eulália

Quando cheguei, a casa mortuária estava cheia de gente. No centro da sala, forrada de preto, havia uma base entre quatro enormes tochas acesas, e, sobre a base, um caixão, dentro do qual D. Eulália dormia o último sono.

Já tinha passado a hora da saída do cortejo fúnebre.

Faltava apenas o padre.

O padre não aparecia.

O viúvo, comovido, mas calmo, perfeitamente calmo, perguntou a um parente, que pelos modos tinha se encarregado do enterro:

— Então...? Esse padre...?

— Já devia estar aqui. O Tio Eusébio quer que eu vá buscá-lo?

— Faz favor, Casuza.

E o parente saiu muito apressado.

Dez minutos depois, o Eusébio se aproximou de mim e me disse baixinho:

— E nada de padre! Estava escrito que este dia não passaria para mim sem alguma contrariedade...

Justifiquemos esse grito do coração.

O Eusébio não foi um marido feliz; D. Eulália, que tinha muito mau gênio, transformara sua vida num verdadeiro inferno.

O pobre homem não tinha voz ativa dentro de casa; era repreendido como um criado quando entrava mais tarde; devia dar contas de um níquel, de um miserável níquel que desaparecesse do seu bolso!

Apesar de casado havia já quinze anos, ele não pudera se habituar a essa existência ridícula e sentia-se envelhecer antes do tempo na alma e no corpo.

Não tinha filhos — e era melhor assim, porque, com certeza, D. Eulália não perdoaria.

Pensava bem: pudesse ela contrariar a natureza, iria fecundá-lo, para humilhá-lo ainda mais!

Durante os primeiros tempos de casamento, o Eusébio tentou reagir contra o mau gênio de D. Eulália; num dia, porém, que lhe falou mais alto e bateu o pé para ela, recebeu em troca uma tremenda bofetada, cujo estalo ressoou em todo o quarto. Durante quinze dias a vizinhança não se ocupou de outra coisa.

O marido que apanha da cara metade está perdido; o que apanha e chora está imperdoavelmente perdido. O Eusébio apanhou e chorou...

Daquele dia em diante foi-se toda sua autoridade de marido: tornou-se em casa um manequim, um dominado, um **joão-ninguém**.

Era, entretanto, um homem simpático, virtuoso, muito apreciado por numerosos amigos e muito conceituado na repartição de onde tirava o necessário para que nada faltasse a D. Eulália.

De todas as situações constrangedoras a que estava sujeito o nosso Eusébio, nenhuma o ralava tanto como a de procurar cozinheira, o que lhe acontecia sempre, porque, graças ao mau

gênio da dona da casa, a cozinha estava constantemente abandonada.

Como as chatices de D. Eulália já tinham fama no bairro, e nenhuma criada queria servir aquela ama, o Eusébio era obrigado a procurar cozinheira muito longe de casa.

O que ele queria era alugá-la, mas bem sabia que, na venda, a recém-chegada seria logo posta no decorrer de tais chatices.

Um dia o pobre marido foi muito cedo arrancado da cama pela mulher.

— Levante-se, tome banho, vista-se e vá procurar uma cozinheira!

— Quê...! Pois a Maria...?

— Acabo de pô-la no olho da rua!

— Por quê?

— Não é da sua conta! Mexa-se...!

— Uma cozinheira que não estava nesta casa há oito dias...!

— Chega de conversa! Quem manda aqui sou eu! Vamos! Vista-se! E nada de agências, hein? Olhe que, se me traz cozinheira de agência, não passa da porta da rua!

Nesse dia o Eusébio teria purgado todos os seus pecados, se os tivesse e se D. Eulália não fosse já um purgatório bastante.

O pobre-diabo, que morava no Rio Comprido, foi, levado por informações, procurar uma cozinheira em São Francisco Xavier. Já estava alugada; entretanto, lá lhe disseram que no Morro do Pinto havia outra, muito boa, que devia lhe servir.

O desgraçado almoçou num boteco, encheu-se de coragem e subiu o Morro do Pinto.

A cozinheira não estava em casa; tinha ido passar uns dias com uma parenta, na Rua de Sorocaba, em Botafogo; mas um vizinho aconselhou ao Eusébio que não adiasse a procura; a mulher trabalhava muito bem em forno e fogão, tinha bons costumes e estava morta por achar emprego.

Correu o Eusébio para Botafogo e encontrou, efetivamente, a mulher na Rua de Sorocaba, em casa da parenta, pronta já para sair. Por pouco mais, a viagem teria sido inútil.

Era uma mulata quarentona, muito limpa, de um aspecto



SCHLOSSER

simpático e humilde, que à primeira vista inspirava certa confiança.

Ela, pelo seu lado, simpatizou com o Eusébio, a julgar pela forma rápida com que se acertaram.

— Bem; amanhã estarei lá, meu patrão.

— Amanhã, não: tem de ser hoje, porque, se entro em casa sem cozinheira, minha mulher...

O Eusébio interrompeu-se — ia colocando tudo a perder — e emendou:

— ...minha mulher, que é muito boa senhora, mas nem sempre acredita no que eu digo, vai achar com certeza que eu demorei muito.

— Nesse caso, meu patrão, é preciso que eu vá primeiramente ao Morro do Pinto.

— Pois vamos ao Morro do Pinto... — respondeu conformado o conformado Eusébio.

Era quase noite fechada quando o infeliz marido, muito cansado, doente, sem jantar, entrou em casa acompanhado da mulata.

D. Eulália recebeu-o com duas pedras na mão:

— Onde o senhor esteve metido até estas horas? Oh! que coisa ruim... que homem insuportável... Só a minha paciência...!

— A senhora não calcula como me custou encontrar esta mulher, mas, enfim... parece que desta vez ficamos bem servidos.

— Pois sim, resmungou D. Eulália, vai ver que é alguma vagabunda!

E, voltando-se para a mulata, disse-lhe com a sua habitual arrogância:

— Chegue-se mais! Não gosto de gritar e quero que me ouçam!

A cozinheira aproximou-se com um sorriso humilde de subalterna.

— Como se chama?, perguntou D. Eulália.

— Eulália.

— Eulália?!

— Eulália, sim, senhora!

— Eulália?! Rua! Rua!

E, voltando-se para o marido:

— Pois o senhor tem a pouca vergonha de trazer para casa uma cozinheira com o mesmo nome que eu? Que desaforo...!

— Mas, senhora...

— Cale-se! Não seja burro!

Acho que o Eusébio está justificado: a morte de D. Eulália não poderia contrariá-lo.

## Encontros reveladores

Contarei hoje aos meus leitores um caso que se passou no tempo do Segundo Império<sup>1</sup>. A historieta não será talvez muito divertida, mas é humana. Lá vai: para mostrar-se agradecido ao ministro da Justiça, que o nomeara juiz de Direito de Niterói, o Dr. Sales lembrou-se de convidá-lo para padrinho de seu último pimpolho.

O ministro aceitou o convite, mas, como a época era de grande agitação política e não lhe sobrava tempo para batizados, passou uma procuração ao seu oficial de gabinete, Dr. Pinheiro, para representá-lo na cerimônia e levar o pequeno à pia de batismo.

À hora marcada, o Dr. Pinheiro apresentou-se na casa do Dr. Sales, onde o receberam com a mesma solenidade com que

<sup>1</sup> Também conhecido como Segundo Reinado, período no qual o Brasil foi governado por D. Pedro II.



receberiam o próprio conselheiro. O bom homem já estava, aliás, habituado a essas recepções. Depois que o ministro, seu companheiro de infância e amigo íntimo, fizera dele o seu oficial de gabinete, o seu auxiliar de imediata confiança, quase o seu *alter ego*<sup>2</sup>, o Dr. Pinheiro verificou, surpreso, que tinha inúmeros amigos de cuja existência nem sequer suspeitava. Antes que ele exercesse aquela posição oficial, pouca gente o cumprimentava; depois que a exercia, todos lhe tiravam o chapéu!

Terminada a cerimônia do batizado, o Dr. Pinheiro quis se retirar: estava cumprida a sua missão, mas o Dr. Sales e toda a família insistiram com ele para almoçar.

O almoço lhe fez mal. Na ocasião em que o padrinho por procuração ergueu a sua taça de champanha para agradecer um brinde feito pelo juiz de Direito ao seu ilustre compadre, o Exmo. Sr. conselheiro X, ministro e secretário de Estado dos negócios da Justiça, o Sr. Pinheiro sentiu sua vista embaçar e a casa começar a rodar. Caiu sentado sobre a cadeira, quebrando a taça que tinha na mão, e perdeu os sentidos.

Foi um alvoroço. Saíram todos dos seus lugares e cercaram o Sr. Pinheiro, que não dava notícias de si.

Entre os convidados, havia, felizmente, um médico. Transportado para um quarto e estendido sobre um leito, o Dr. Pinheiro foi imediatamente socorrido e medicado.

— Não deve de ser nada, explicou o médico, mas é preciso que o doente fique no mais absoluto repouso; que ninguém lhe fale nem ele fale a ninguém!

— Mas, que foi?

— Uma ameaça de congestão.

No mesmo dia o Dr. Sales mandou à casa do Dr. Pinheiro, que era viúvo e não tinha família de espécie alguma, morando com ele apenas um criado, que foi ter logo com o patrão enfermo, levando-lhe roupa branca.

No dia seguinte o Dr. Sales procurou o ministro, seu compadre, para lhe contar que o seu oficial de gabinete adoecera em Niterói, mas S. Exa. não pôde lhe dar ouvidos: preparava-se para responder a uma interpelação na Câmara e não podia pensar noutra coisa.

<sup>2</sup> Um outro eu, outra personalidade de uma pessoa.

O Dr. Pinheiro logo no outro dia pretendeu recolher-se ao lar, mas o médico proibiu-lhe terminantemente, dizendo: “Um descuido pelo qual não me responsabilizo!”.

Ficou, pois, o Dr. Pinheiro cinco dias em Niterói, metido entre quatro paredes, sem conversar nem ler. Ao sexto dia sentiu-se completamente restabelecido e teve alta. Durante esse tempo alguma coisa se passara, de certa importância, mas na casa do Dr. Sales nada disseram ao Dr. Pinheiro, com medo de que qualquer comoção moral lhe produzisse novo ataque.

Seguido pelo seu fiel criado, que não o abandonou um instante, o Dr. Pinheiro tomou a barca e, chegando ao Cais Pharooux, entrou num carro que estava à sua espera, indo o criado para a **boleia**.

Ao passar pelo Largo do Paço, notou que certo pretendente, figura empregada do gabinete do ministro, sujeito que costumava saudá-lo com muita bajulação, agora, ao vê-lo, apenas levou a mão à aba do chapéu.

Mais adiante, na Rua da **Assembleia**, outro importuno olhou para ele e desviou os olhos, fingindo que não o via.

No Largo da Carioca, um oficial da secretaria, que se empenhara, não havia muito, com o Dr. Pinheiro para ser, como foi, promovido, teve para o oficial de gabinete um olhar de proteção.

— Não há mais nada que ver, pensou o Dr. Pinheiro, caiu o ministério!

De fato, havia três dias que o ministério caíra, depois da tal interpelação.

Ninguém o dissera ao Dr. Pinheiro, nem verbalmente nem por escrito: ele adivinhou-o graças àqueles três encontros reveladores.



SCHLÖSSE  
MONTAGUT  
HEFT

# A melhor amiga

## I

A mais ingênua e cheia de virtudes das esposas, D. Ritinha Torres, adquiriu há tempos a dolorosa certeza de que o marido a enganava, namorando escandalosamente uma senhora, vizinha deles, que exercia, ou fingia exercer, a profissão de modista.

Havia muitas manhãs que Venâncio Torres — assim se chamava o traidor — acordava muito cedo, tomava o seu banho frio, saboreava sua xícara de café, acendia o seu cigarro e ia ler a *Gazeta de Notícias* debruçado a uma das janelas da sala de visitas.

Como D. Ritinha estranhasse o fato, porque havia já quatro anos que estava casada com Venâncio e sempre o conhecera pouco madrugador, uma bela manhã levantou-se da cama, envolveu-se numa colcha e foi, na ponta do pé, sem ser pressentida,

dar com ele namorando a vizinha, que o namorava também.

A pobre senhora não disse nada: voltou para o quarto, deitou-se de novo e à hora de sempre fingiu que só então despertava.

Até aquela data, tivera o marido como um irrepreensível modelo de todas as virtudes conjugais; porém, soube aparar o golpe: não deu a perceber o seu desgosto, não articulou uma queixa, não deixou escapar um suspiro.

Mas, às dez horas, quando Venâncio Torres, perfeitamente almoçado, tomou o caminho da repartição, ela se vestiu, saiu também e foi bater à porta da sua melhor amiga, D. Ubaldina de Melo, que se mostrou muito admirada.

— Que é isto? Tu aqui a estas horas! Temos novidade?

— Temos... temos uma grande novidade; meu marido está me enganando.

E, deixando-se cair numa cadeira, D. Ritinha caiu em soluços.

— Engana-te?, perguntou a outra, que empalidecera na hora.

— E adivinha com quem...? Com aquela modista... aquela sujeita que mora defronte de nossa casa...!

— Oh, Ritinha! Isso é lá possível...!

— Não me disseram: vi; vi com estes olhos que a terra há de comer! Um namoro exagerado, escandaloso, de janela para janela!

— Olha que as aparências enganam...

— E os homens ainda mais que as aparências.

O pranto aumentava.

— E eu que tinha tanta confian... an... ça naquele ingra... a ...to!

— Que queres tu que te faça?, perguntou D. Ubaldina, quando a amiga lhe pareceu mais calma.

— Vim te consultar... peço-te que me aconselhes... que me digas o que devo fazer... Não tenho cabeça para tomar uma decisão qualquer!

— Disseste alguma coisa a ele?

— A quem?

— A teu marido.

— Não; não lhe disse nada, absolutamente nada. **Contive-me** quanto pude. Não quis decidir coisa alguma antes de te falar, antes de ouvir a minha melhor amiga.

D. Ubaldina sentou-se ao lado dela, agradeceu com um

beijo prolongado e sonoro essa prova decisiva de confiança e amizade e, tomando-lhe carinhosamente as mãos, assim falou:

— Ritinha, o casamento é uma cruz que é preciso saber carregar. Teu marido te engana... se é que te engana...

— Engana-me!

— Pois bem, engana-te, sim, mas... com quem? Reflete um pouco e vê que esse ridículo namoro de janela, que o obriga a madrugar, sair dos seus hábitos, é uma fantasia passageira, um divertimento rápido que não vale a pena tomar a sério.

— Achas então que...

— Filha, não há no mundo marido algum que seja absolutamente fiel. Faz como eu, que fecho os olhos às pilantragens do Melo e digo como dizia a outra: “Enquanto andar lá fora, o coração que passeie à vontade, contanto que volte para mim quando se recolher ao lar doméstico”.

— Filosofia no caso!

— Vejo que não sente por teu marido o mesmo que sinto pelo meu...

A filósofa conservou-se calada alguns segundos e, dando em D. Ritinha outro beijo, ainda mais prolongado e sonoro que o primeiro, prosseguiu assim:

— Se fizeres cenas de ciúmes a teu marido, apenas conseguirás que ele se apegue muito à tal modista; o que por enquanto não passa, felizmente, de um namoro sem **consequências**, poderá um dia se transformar em paixão desordenada e furiosa!

— Mas...

— Não há mais nem meio! Cala-te, aceita, devora em silêncio tuas lágrimas e observa. Se daqui a oito ou dez dias durar ainda esse pequeno escândalo, vem de novo falar comigo, e juntas combinaremos então o que deverás fazer.

— Aceito de bom grado os conselhos, minha amiga, mas não sei se terei forças para reprimir a minha indignação e os meus ciúmes.

— Faz o possível por reprimir. Lembra que és mãe. Quando um casal não vive na mais perfeita harmonia, a educação dos filhos torna-se extremamente difícil.

Confortada por esses conselhos amistosos e sensatos, D. Ritinha Torres despediu-se da sua melhor amiga e foi para casa muito disposta a carregar com resignação a cruz do casamento.

## II

Logo que ficou sozinha, D. Ubaldina, que até então a custo se controlara, teve também uma longa crise de lágrimas.

Mas, acalmada que foi essa violenta exaltação dos nervos, a moça correu ao telefone e pediu que a comunicasse com a repartição onde Venâncio Torres era empregado.

— Alô! Alô!

— Quem fala?

— O Sr. Venâncio está?

— Está. Vou chamá-lo.

Minutos depois, D. Ubaldina telefonava ao marido de D. Ritinha dizendo que precisava falar com ele urgentemente.

Ele correu imediatamente à casa dela, onde foi recebido com uma explosão de lágrimas e maldizeres.

— Que é isto?! Que é isto?!, perguntou espantado.

— Sei tudo!, falou ela. Tua mulher esteve aqui e me contou o teu namoro com a modista de defronte!

Venâncio ficou sem reação.

— A idiota veio me perguntar, a mim, que sou tua amante, o que devia fazer! Eu lhe disse que fechasse os olhos, que aceitasse.

E, agarrando-o com força:

— Ah!, mas eu é que não aceito, sabes? Eu não sou tua mulher, sabes? Eu te amo, sabes?

— Isso é uma invenção tola. Eu não namoro modistas.

— Olha, Venâncio, se continuares, saberei de tudo, porque encarreguei a tua própria mulher de me informar tudo quanto se passar! Se persistires em namorar essa costureira, darei um





escândalo gigantesco, nunca visto... Garanto a ti que te arrepen-  
derás amargamente! Tu ainda não me conheces!

Venâncio tinha lábias: derreteu-se em desculpas e explicou,  
o melhor que pôde, as suas madrugadas.

D. Ubaldina, que ardia em desejo de perdoar, aceitou a  
explicação. Entretanto, ameaçava-o sempre:

— Olha que se eu souber que... Não te digo mais nada...!

Pouco antes da hora em que devia chegar o dono da casa  
com o seu coração puro, Venâncio, que descia a escada, parou  
e voltou três ou quatro degraus para dizer a D. Ubaldina:

— Queres saber de uma coisa? Essa história da modista é  
bem boa: serve perfeitamente para desviar qualquer suspeita  
que minha mulher possa ter da sua melhor amiga.

E desceu.

### III

Oito dias depois, D. Ubaldina de Melo recebia um bilhete  
escrito nos seguintes termos:

“Minha boa amiga.

Parece que tudo acabou, felizmente. Depois que estive  
contigo, nunca mais Venâncio madrugou nem foi à janela. Queira  
Deus que isto dure! Como sou feliz!

Tua do coração, Ritinha Torres”.

# A “Não-me-toques”

## I

Passavam-se os anos, e Antonieta ia ficando para tia. Não que lhe faltassem candidatos, mas — infeliz moça! — naquela capital de província não havia um homem, um só, que ela considerasse digno de ser seu marido.

Ao Comendador Costa começavam a inquietar seriamente as exigências da filha, que recusara, já, com muxoxos de desprezo, uma boa dúzia de pretendentes cobiçados pelas principais donzelas da cidade. Nenhuma dessas se casou com rapaz que não fosse primeiramente rejeitado pela soberana Antonieta.

— Que diabo!, dizia o comendador à sua mulher, D. Guilhermina. Estou vendo que será preciso encomendar um príncipe para essa menina!

— Ou então, acrescentava D. Guilhermina, esperar que algum estrangeiro ilustre, de passagem nesta cidade...

— Você está bem no caminho! Em quarenta anos que estou aqui, só dois estrangeiros ilustres aqui têm vindo: o Agassiz e o Herman.

Entretanto, os pais eram os culpados daquele orgulho indomável. Suficientemente ricos, tinham dado à filha uma educação de fidalga, habituando-a desde pequenina a ver imediatamente satisfeitos os seus mais caros e extravagantes caprichos.

Bonita, rica, elegante, vestindo-se pela última moda, falando correntemente o francês e o inglês, tocando muito bem o piano, cantando que nem uma diva, tinha Antonieta razões de sobra para se julgar uma ave rara na sociedade em que vivia e não encontrar em nenhuma classe homem que merecesse a honra de acompanhá-la ao altar.

Uma grande viagem à Europa, realizada pelo comendador em companhia da esposa e da filha, completara a obra. Ter estado em Paris constituía, naquela boa terra, um título de superioridade.

Ao fim de algum tempo, ninguém mais se atrevia a erguer os olhos para a filha do Comendador Costa, contra a qual se estabeleceu pouco a pouco certa corrente de animada versão.

Começaram todos a notar seus defeitos, parecidos com os das uvas de La Fontaine<sup>1</sup>, e, como seria difícil a qualquer indivíduo, macho ou fêmea, que estivesse em evidência escapar ali de um apelido, em breve Antonieta se tornou conhecida pela “Não-me-toques”.

---

<sup>1</sup> Referência à fábula *A raposa e as uvas*, famosa na versão de La Fontaine, famoso fabulista francês do século XVII. Nessa fábula, uma raposa tenta inutilmente pegar um cacho de uvas que está pendurado em uma vinha alta. Não conseguindo, a raposa se conforta dizendo que as uvas estão verdes.

## II

Teria sido realmente amada? Não, mas apenas desejada — tanto assim que todos os seus namorados se esqueceram dela...

Todos, menos o mais discreto, o mais humilde, o único talvez que jamais se atrevera a revelar os seus sentimentos.

Chamava-se José Fernandes e era o primeiro empregado da casa do Comendador Costa, onde entrara aos dez anos de idade, no mesmo dia em que chegara de Portugal.

Por esse tempo Antonieta veio ao mundo. Ele a vira nascer, crescer, instruir-se, fazer-se rainha e bela. Quantas vezes a carregara no colo, quantas vezes a aconchegara nos braços ou a embalara no berço! E, alguns anos depois, era ainda ele quem todas as manhãs a levava e todas as tardes ia buscá-la no colégio.

Quando Antonieta chegou aos quinze anos e ele aos vinte e cinco, “Seu José” (era assim que lhe chamavam) notou que a sua afeição por aquela menina se transformava, tomando um sentido estranho e indefinível; mas calou-se e começou de então por diante a viver do seu sonho e do seu tormento. Mais tarde, todas as vezes que aparecia um novo pretendente à mão da moça, ele se assustava, tremia, tinha acessos de ciúmes, que lhe causavam febre, mas o pretendente era, como todos os outros, repellido, e ele alegrava-se na solidão e no silêncio do seu amor idealizado.

Materialmente, Seu José tinha se sacrificado pelo seu amor. Era ele, como se costuma dizer (não sei por que motivo), a “memória” da casa comercial do Comendador Costa; entretanto, depois de tantos anos de dedicação e amizade, a sua situação era ainda a de um simples empregado; o patrão, ingrato e egoísta, pagava-lhe com consideração e elogios o que lhe devia em dinheiro. Mais de uma vez apareceram a Seu José ocasiões de trocar aquele emprego por uma situação mais vantajosa; ele, porém, não tinha ânimo de deixar a casa onde ao seu lado Antonieta nascera e crescera.

### III

Um dia, tudo mudou de repente.

Sem dar ouvidos a Seu José, que lhe aconselhava o contrário, o Comendador Costa empenhou a sua casa numa promessa de grande negócio, cujos efeitos foram desastrosos, e, para não fechar a porta, viu-se obrigado a fazer um acordo com os credores. Foi este o primeiro golpe atirado pelo destino contra a arrogância da “Não-me-toques”.

A casa ia de novo se levantando e já estava quase livre dos seus compromissos de honra quando o Comendador Costa, adoecendo gravemente, faleceu, deixando a família numa situação embaraçosa.

Um verdadeiro deus *ex machina*<sup>2</sup> apareceu então na figura de Seu José, que, reunindo as suadas economias que juntara durante trinta anos e associando-se a D. Guilhermina, fundou a firma Viúva Costa & Fernandes e salvou de uma ruína próxima a casa do seu finado patrão.

### IV

O estabelecimento prosperava a olhos vistos e era apontado como uma prova do quanto podem a inteligência, a boa fé e a força de vontade, quando o falecimento da viúva D. Guilhermina veio colocar a filha numa situação difícil...

Sozinha, sem pai nem mãe, nem amigos, aos trinta e dois anos de idade, sempre bela e arrogante apesar de todos os seus desgostos, aonde iria a “Não-me-toques”?

Antonieta foi a primeira a pensar que o seu casamento com José Fernandes era um ato que as circunstâncias impunham...

<sup>2</sup> Deus surgido da máquina, expressão que pode significar “uma solução inesperada”.

Antes da sua orfandade, jamais semelhante coisa lhe passaria pela cabeça. Não que Seu José lhe causasse repugnância: bem sabia o quanto esse homem era digno e honrado; gostava dele, porém, como se gosta de um tio ou de um irmão mais velho — e ela, que recusara a mão de tantos doutores, não podia se acostumar com a **ideia** de se casar com ele.

Entretanto, esse casamento era necessário, era inevitável. Além do mais, a “Não-me-toques” lembrava-se de que o pai, irritado contra os seus contínuos e impertinentes muxoxos, um dia lhe dissera:

— Não sei o que tu achas que és ou o que nós somos! Eu tive culpa em te dar a educação que te dei! Sabes qual é o marido que era melhor para ti? Seu José! Seria um continuador da minha casa e da minha raça!

Tratava-se, então, de legitimar uma sentença paterna. A continuação da casa já estava confiada a Seu José: era preciso confiar-lhe também a continuação da raça.

Assim, pois, uma noite ela o chamou e, com muita seriedade, pesando as palavras, mas friamente, como se se tratasse de uma simples operação comercial, lhe deu a entender que desejava ser sua mulher, e ele, que secretamente alimentava a esperança desse desenlace, confessou-lhe, trêmulo e com os olhos inundados de pranto, que esse tinha sido o sonho de toda a sua vida.

## V

Casaram-se.

Nunca um marido amou tão apaixonadamente a sua esposa. Seu José levou à Antonieta um coração virgem de outra mulher que não fosse ela; fora das suas obrigações materiais, amá-la, adorá-la, idolatrá-la tinha sempre sido e continuava a ser a única preocupação do seu espírito...

Entretanto, não era feliz; sentia que ela não o amava, que se entregara a ele apenas para satisfazer a uma conveniência



SCHLOESSER

doméstica: era apática; sem querer, fazia-lhe sentir a cada instante a superioridade terrível das suas qualidades. Ninguém melhor que ele, tendo sido, aliás, até então, o único homem que lhe tocara, se convenceu de quanto era bem aplicado aquele ridículo apelido de “Não-me-toques”.

O pobre diabo tinha agora saudades do tempo em que a amava em silêncio, sem que ninguém o soubesse, sem que ela própria o suspeitasse.

## VI

Antonieta se aborrecia mortalmente naquele casarão onde nascera e onde ninguém a visitava, porque o seu caráter a tornara incompatível com toda a gente.

O marido, discreto e prestativo, percebeu bem isso. Admitiu um bom sócio na sua casa comercial, que prosperava sempre, e levou Antonieta à Europa, atordoando-a com a agitação das primeiras capitais do Velho Mundo.

De volta, ao fim de um ano, construiu uma bela casa no bairro mais elegante da cidade, encheu-a de mobílias e objetos trazidos de Paris e inaugurou-a com um baile para o qual convidou as famílias mais distintas.

Começou então uma nova existência para Antonieta, que, apesar de se aproximar da medonha casa dos quarenta, era sempre bonita, com o seu porte de rainha e o seu seio magnífico, de uma brandura de cisne.

As suas salas, profundamente iluminadas, abriam-se quase todas as noites para grandes e pequenas recepções: eram festas sobre festas.

Agora já não lhe chamavam a “Não-me-toques”; ela tinha se tornado acessível, amável, insinuante, com um sorriso sempre novo e espontâneo para cada visita.



Recebeu galanteios e, em outras épocas imperturbável para com eles, escutava-os agora com prazer.

Um galã, mais atrevido que os outros, aproveitou o momento psicológico e conseguiu uma conversa particular. Esse primeiro amante foi prontamente substituído. Seguiu-se outro, mais outro, seguiram-se muitos...

## VII

E, quando Seu José, desesperado, fez saltar os miolos com uma bala, deixou esta frase escrita num pedaço de papel:

“Enquanto foi solteira, minha mulher achava que nenhum homem era digno de ser seu marido; depois de casada (por conveniência), achou que todos eles eram dignos de ser seus amantes. Mato-me”.

# O palhaço

(História triste para um dia alegre)

Como se explica que o Saraiva, um homem que levava a sério as coisas mais cômicas da vida — e, segundo afirmavam as pessoas que o conheciam mais de perto, nunca ninguém o viu rir —, como se explica que o Saraiva, na terça-feira gorda<sup>1</sup> de 1885, saísse de casa depois de jantar e, sem dizer nada à senhora, comprasse uma vestimenta de palhaço, uma cabeleira e uma máscara e com tais objetos se metesse no seu escritório na Rua do Hospício, de onde saiu disfarçado?

Ninguém diria que, escondido naquela roupa alegre, muito branca e semeada de rodinhas vermelhas, e por baixo daquela cabeleira azul, por baixo de um chapeuzinho minúsculo e pontiagudo, e por trás daquela fisionomia zombeteira, que ria de um rir comunicativo, estivesse o sério comerciante, que parecia haver nascido para vida de monge.

<sup>1</sup> Terça-feira de Carnaval.



SCHLOESSER

A esposa desse urso, D. Balbina, era, quando se casou, uma moça comunicativa e risonha; teve, porém, que se submeter ao jeito dele: tornou-se tão séria e tão sem graça como o Saraiva e, sozinha em casa, sem filhos, sem amigas, porque o marido não queria visitas, aborrecia-se muito.

Aborrecia-se tanto que procurou uma distração e encontrou-a num belo rapaz, seu vizinho, que de vez em quando pulava o muro do quintal para fazer-lhe companhia e consolá-la daquele silêncio e daquela solidão.

Infelizmente para ela, outro vizinho, por inveja ou simplesmente por maldade, escreveu uma carta anônima ao Saraiva, dizendo que ele tinha um sócio de cuja existência não suspeitava — e aí está como se explica que, naquela terça-feira gorda, depois de dizer a D. Balbina que ia para o escritório, onde se demoraria até tarde da noite, fechando uma correspondência que devia partir no dia seguinte, o rigoroso e sério negociante foi se vestir de palhaço para apanhar a esposa em flagrante delito.

— Eu saio, os criados saem, pensou ele; se ela tem realmente um amante, é de supor que aproveite a ocasião para metê-lo em casa...

Bem pensado, porque, quinze minutos depois de sair de casa o marido, o amante saltava o muro e, naquela terça-feira gorda, apesar de ter ficado em casa, D. Balbina divertiu-se mais que muitos foliões, nas farras dos desfiles e dos bailes.

Havia já duas horas que o vizinho fazia companhia à solitária vizinha quando a campainha do portão do jardim foi violentamente agitada. D. Balbina chegou à janela e avistou uma carruagem, cujo cocheiro, mal a viu, gritou:

— Mande aqui uma pessoa, minha senhora!

Não havia um criado em casa. D. Balbina teve que ir pessoalmente abrir o portão.

— Que é? — perguntou ela.

— Minha senhora, este palhaço pegou o meu carro e mandou tocar para esta casa; mas no caminho parece que teve um derrame e morreu!

Efetivamente, o Saraiva, homem de temperamento forte, que não pensou nas **consequências** de pôr aquela cabeleira e

---

aquela máscara depois de jantar, tinha morrido na carruagem.

Deixo ao leitor o cuidado de pensar no espanto e na confusão que isso causou e na tragicômica<sup>2</sup> anormalidade daquele negociante sério, estendido morto num sofá e amortalhado em vestes de palhaço.

Só direi que D. Balbina, passado o período do luto, casou com o prestativo vizinho que a consolava naquele silêncio e naquela solidão.

E, até hoje, e lá se vão mais de vinte anos, ela não se deu conta do motivo que levou o seu primeiro marido a vestir-se de palhaço... para morrer.

<sup>2</sup> Tragicômico: como o próprio nome sugere, significa trágico e cômico ao mesmo tempo.

## Toc, toc, toc, toc...

O Borges não a tinha visto nunca senão à janela da casa paterna: só conhecia o seu busto, e não era preciso mais nada para encantá-lo, porque na verdade ela possuía o rosto mais simpático e ao mesmo tempo mais lindo que era possível imaginar.

Chamava-se Idalina e era filha natural de um vidraceiro estabelecido na loja do prédio em que ambos moravam. Não iam a parte alguma.

Havia uma circunstância, uma só, que contrariava o Borges; a mãe da pequena tinha sido mulher de vida alegre; dera em público toda a espécie de escândalos e fora, afinal, assassinada, durante uma festa, por um dos seus inúmeros e sucessivos amantes. É verdade que Idalina desde a mais inocente idade fora privada do contato dessa mulher e nunca mais a viu: mas o Borges preferia, naturalmente, que ela fosse filha de outra mãe; entretanto, não se dava à **ideia** de ligar o seu destino ao dela, tão forte era a simpatia que a moça lhe inspirava.

A filha do vidraceiro parecia não ser indiferente ao afeto que se formara no coração de Borges; todas as vezes que ele passava, pela manhã ou à tarde, a caminho da repartição ou a caminho de casa, ela correspondia ao seu cumprimento respeitoso com um sorriso carinhoso, que não era o sorriso de uma janeira vulgar e tinha alguma coisa de triste e de reservado.

Estava o Borges impressionado ao último ponto quando um feliz acaso lhe revelou que o Ventura, um dos seus melhores amigos, conhecia intimamente o pai e a filha. Ele, o Borges, não sabia outra coisa senão a lamentável particularidade do nascimento de Idalina; soubera-o por casualidade, no bonde, ouvindo a conversa de dois passageiros que a viram à janela e a conheciam.

O Ventura, quando o amigo pediu as desejadas informações, derreteu-se em calorosos elogios.

— É a criatura mais doce, mais bondosa que o céu cobre! É uma santa; uma verdadeira santa; mas, meu amigo... sim, infelizmente há um *mas*...

O Borges adivinhou que o amigo se referia à mãe de Idalina e falou:

— Sei o que é, mas não importa... Coitada! Que culpa tem ela dessa desgraça?

— Nenhuma culpa tem, mas dificilmente encontrará marido. Se fosse rica, não digo nada; há homens que por dinheiro fecham os olhos a tudo, mas o Lemos, o pai, não tem com que pagar...

— Pois fica sabendo que não ligava de ser seu marido.

— Tu...? Apesar de...?

— Apesar de tudo!

— Mas olha que não poderias levar tua mulher a parte alguma!

— Por quê?

— Seria ridículo!

— Que seja! Ela é boa, é digna, é honesta, não é?

— Ah! Por esse lado, não conheço outra que o seja mais!

— Nesse caso, exijo de ti um grande serviço: peço-te que vás falar com o pai e que a peças em meu nome.

— Alto lá! Essas coisas não se fazem assim! Deves primeiramente consultá-la e, só depois de autorizado por ela, pedi-la

ao pai; mas tu, pessoalmente, e não eu. O mais que posso fazer é te apresentar ao velho.

— Pois está dito!

No mesmo dia, o Borges encontrou meios e modos de fazer com que um bilhete seu chegasse às mãos de Idalina:

“Minha senhora”, dizia esse bilhete, “eu me chamo Laurindo Borges, sou de família honrada, tenho perto de trinta anos, exerço um emprego público, não tenho ligações nem compromissos de espécie alguma, e ganho o necessário para constituir família. Penso que não sou totalmente indiferente à senhora; portanto, peço-lhe a necessária autorização para pedi-la em casamento a seu pai. O obstáculo que de alguma forma se poderia opor a nossa união desaparece diante do amor profundo e da sincera estima que a senhora me inspirou”.

A resposta não se fez esperar:

“Uma vez que o sr. fecha os olhos a um obstáculo que parecia condenar-me à condição de solteira, e uma vez que, não sendo ingrata, retribuo largamente os sentimentos que despertei no seu coração, autorizo-o a pedir a minha mão a papai. Venha domingo, ao meio-dia: ele estará em casa e avisado por mim”.

À vista desse bilhete, o Borges poderia apresentar-se sozinho, mas foi ter com o Ventura e pediu-lhe que o acompanhasse.

No domingo acertado, ao meio-dia em ponto, entravam ambos na sala do Lemos, que os recebeu de braços abertos.

— Aqui tem — disse-lhe o Ventura — o meu amigo Laurindo Borges, que lhe vem fazer um pedido muito sério, e eu aqui estou para declará-lo como verdadeiro.

— Queiram sentar-se — disse o velho; e, depois de sentados os três, continuou: — Já sei do que se trata. Minha filha, que não tem segredos para mim, mostrou-me o bilhete do sr. Borges e o que dirigiu em resposta. Mas fiquei surpreso, surpreso e ao mesmo tempo contente, quando vi que o senhor não considera um obstáculo a...

— Não! — interrompeu o Borges. — E peço-lhe, sr. Lemos, que não me fale mais nisso. Dona Idalina possui qualidades morais que tudo compensam.

— Então o amigo fecha os olhos àquele defeito?



— Já lhe disse que sim.

— Bom; nesse caso, vou chamá-la.

E, erguendo a voz:

— Idalina?

— Papai? — respondeu lá de dentro uma voz delicada e cheia de melodia que soou aos ouvidos de Borges como um hino de amor.

— Vem cá, minha filha!

Não se ouviram passos, mas um toc, toc, toc, toc, que intrigou seriamente o namorado, e quando Idalina, radiante de beleza, entrou na sala, ele verificou, à primeira vista, que a moça tinha uma perna de pau!

Foi tal o espanto do pobre rapaz que todos adivinharam logo que ele ignorava aquela ausência de perna. Idalina caiu sentada numa cadeira, cobrindo o rosto com as mãos, desfazendo-se em pranto.

— Pois o senhor não disse que conhecia o obstáculo? — perguntou o vidraceiro.

— Eu me referia à mãe de D. Idalina...

— Ora, meu caro, isso jamais seria um obstáculo, porque ela é o contrário do que foi aquela infeliz mulher; é uma pérola, que saiu do lodo, como todas as pérolas.

Mas o Borges estava dominado pela beleza de Idalina, e as lágrimas da moça acabaram de dominá-lo. Ele se ergueu e, num generoso impulso de amor, correu para ela, ajoelhou-se aos seus pés — quero dizer: ao seu pé —, pegou suas mãos ambas e beijou-as, dizendo:

— Que me importa que tenhas uma perna de pau, se tens um coração de ouro?

— Ora, ainda bem! — exclamou o velho. — Case-se e acredite que leva uma mulher completa, apesar de lhe faltar uma perna!

Casaram-se e foram muito felizes. O pai tinha razão.

O Borges, para se consolar do aleijão da esposa, muitas vezes dizia aos seus botões:

— Idalina talvez não fosse tão boa, tão carinhosa, tão submissa, tão fiel, se tivesse ambas as pernas...



SCHLOSSER

# Uma aposta

Se o Simplício Gomes não fosse um rapaz do nosso tempo, se não usasse calças brancas, paletó de alpaca<sup>1</sup>, chapéu de palha e guarda-chuva, daria **ideia** de um desses cavaleiros que só se encontram nos romances de cavalaria.

De outro qualquer diríamos: “Ele gostava de Dudu”; tratando-se, porém, do Simplício Gomes, empregaremos esta expressão menos familiar: “Ele amava Edviges”.

O seu amor tinha, realmente, alguma coisa de puro e de ideal, que não se harmonizava com os costumes de hoje. Começava por ser discreto; Dudu adivinhou, ou antes, percebeu que era amada, mas ele nunca lhe disse nada, nunca se atreveu a dizer-lhe, não por timidez ou respeito, mas simplesmente porque não tinha confiança no seu merecimento.

<sup>1</sup> Tipo de tecido.

Estava bem empregado, poderia casar-se e viver modestamente em família — mas era tão feio, tão pequenino, tão insignificante, e ela tão linda e tão elegante que o casamento lhe parecia desproporcionado.

Ele não se sentia digno dela, não acreditava que a pudesse fazer feliz, e isso o causava profundos desgostos. Ela, por seu lado, não fazia nada para que a situação se modificasse: fingia ignorar que ele a amava e atribuía toda aquela gentileza a um sentimento desinteressado.

Dudu vivia com a mãe, uma pobre viúva sem outro recurso que não fosse o da meia pensão e a aposentadoria deixadas pelo marido, dedicado oficial do Exército que viveu sempre desprotegido, porque não sabia lisonjear nem pedir; mas o Simplício Gomes, sem jeito para protetor e dando a esmola com ares de quem a recebia, achava meios e modos de fazer com que naquela casa faltasse apenas o supérfluo.

Como era parente, embora afastado, das duas senhoras, estas consideravam os seus favores simples atenções de família.

O caso é que o Simplício Gomes parecia adivinhar os menores desejos de Dudu e, nessas ocasiões, recorria à esperteza de uma aposta:

— Aposto que hoje chove!

— Que ideia! O dia está bonito!

— Pois sim, mas o calor está demais: temos água com toda a certeza!

— Não temos!

— Façamos uma aposta!

— Valeu! Se chover eu perco uma caixa de charutos.

— E eu aquela blusa que você viu na vitrina da Notre-Dame e quis tanto.

— Quem lhe disse que quis?

— Ora, esses olhos não me enganam.

No dia seguinte Dudu recebia a blusa.

A velha costumava dizer com muita ingenuidade:

— Você anda mal nas apostas, Simplício! Muito azarado, perde sempre e, em se tratando de mudança de tempo então, é uma lástima!

Devido a não se atrever a falar em casamento, o pobre



rapaz sofria, oprimido pela **ideia** de que, quando menos se pensasse, Dudu teria um namorado... um noivo... um marido. E, efetivamente, não se passou muito tempo para que os seus medos se realizassem.

Dudu impressionou-se por um cavalheiro muito bem vestido, que começou a rondar sua porta quase todos os dias, cumprimentando-a, depois sorrindo para ela e finalmente escrevendo-lhe, graças à ajuda de um moleque da casa.

Depois de receber três cartas, Dudu se convenceu de que as intenções do namorado eram as melhores e mostrou a correspondência à mãe, que imediatamente consultou o Simplício Gomes, sem saber o desgosto que lhe causava. Este, que já havia notado as idas e vindas do transeunte<sup>2</sup> suspeito, disfarçou o mais que pôde os seus sentimentos, limitando-se a dizer que Dudu não deveria casar-se com aquele homem sem ter primeiramente certeza de que ele a amava de verdade.

A velha, com toda a sua simplicidade, pediu-lhe que se informasse da idoneidade do pretendente, e o mísero logo se transformou de cavaleiro em caminhante.

Foram desanimadoras (para ele) as informações que obteve: o rival chamava-se Bandeira, era de boa família, de bons costumes, funcionário público de certa categoria, querido e tinha alguma coisa. O seu único defeito era ser um pouco genioso.

O Simplício, que não tinha nenhuma generosidade, não aumentou as qualidades do outro, mas foi leal: não as diminuiu. Em suma: o Bandeira pediu a mão de Dudu e começou a **frequentar** a casa.

O coitado não articulou uma queixa, mas começou desde logo a emagrecer a olhos vistos; perdeu o apetite, ficou macambúzio<sup>3</sup>, fúnebre... Dudu, que tudo compreendeu, teve muita pena, quase se arrependeu, mas a velha nem mesmo assim desconfiou que a filha fosse adorada pelo infeliz parente.

Entretanto, o Simplício Gomes começou a ser **frequente** na casa de Dudu; o seu desejo oculto era não deixá-la sozinha com o tal Bandeira enquanto não se casassem.

O noivo tinha, efetivamente, boas qualidades, mas era não só genioso, como também de uma arrogância, de um convencimento, de um autoritarismo que começaram a inquietar Dudu.

<sup>2</sup> Que transita, que passa.

<sup>3</sup> Triste, mal-humorado.

Uma bela tarde em que se achavam ambos sentados no sofá e o Simplício Gomes afastado, num canto da sala, folheava um álbum de retratos, o Bandeira levantou-se dizendo:

— Vou-me embora; tenho ainda que dar umas voltas antes da noite.

— Ora, ainda é cedo; fique mais um instantinho — falou Dudu, sem se levantar do sofá.

— Já lhe disse que tenho o que fazer! Peço-lhe que vá desde já se habituando a não contrariar as minhas vontades! Olhe que, depois de casado, irei sair quantas vezes quiser sem dar satisfações a ninguém.

— Bom; não precisa se zangar.

— Não me zango, mas me chateio um pouco! Não me escravizei; quero casar-me com a senhora, mas não perder a liberdade!

— Faz bem. Adeus. Até quando?

— Até amanhã ou depois.

O Bandeira apertou a mão de Dudu, despediu-se com um gesto do Simplício Gomes e saiu batendo os passos com força, passos de dono de casa.

Dudu ficou sentada no sofá, olhando para o chão.

O Simplício Gomes aproximou-se de mansinho e sentou-se ao seu lado.

Ficaram dez minutos sem dizer nada um ao outro.

Afinal Dudu rompeu o silêncio. Olhou para o céu iluminado por um pôr do sol esplêndido e murmurou:

— Vamos ter chuva.

— Não diga isso, Dudu: o tempo está seguro!

— Apostemos!

— Pois apostemos! Eu perco... perco uma coisa bonita para o seu enxoval de noiva. E você?

— Eu... me perco a mim mesma, porque quero ser tua mulher!

E Dudu caiu, chorando, nos braços de Simplício Gomes.

## “Barca”

Há maridos e mulheres, dizem as más línguas, que passam o verão em Petrópolis para aprontar das suas à vontade. Não sei se isso é exato quanto às mulheres; quanto aos maridos, tenho certeza de que é.

D. Senhorinha, esposa exemplar, muito exemplar mesmo, era casada com um negociante rico, o João Saraiva, que todos os anos, em fins de novembro, ficava com ela em Petrópolis até abril, sob pretexto de que a cidade do Rio de Janeiro se tornava inabitável durante o período de calor.

O que ele queria era estar como o boi solto, que, segundo o dizer popular, se lambe todo.

Havia na Rua do Riachuelo uma francesa que virava a sua cabeça e constantemente o obrigava a perder a barca.

Nessas ocasiões, D. Senhorinha recebia sempre um telegrama e acreditava, coitada, porque tinha a mais cega confiança no marido e sabia que ele era muito ocupado. Por fim, João Saraiva tantas e



tão repetidas vezes perdia a barca, por este ou aquele motivo, que marido e mulher resolveram adotar uma palavra convencional para cada vez que isso acontecesse. Adotaram a palavra “barca”.

Uma vez, D. Senhorinha, ali por volta das duas horas da tarde, bocejava na sua solidão petropolitana quando lhe levaram um telegrama.

Ela abriu-o um pouco assustada, pois o marido não costumava telegrafar àquela hora, e qual não foi a sua surpresa vendo que o telegrama dizia simplesmente: “barca”.

— Não pode ser!, pensou D. Senhorinha. A barca sai da Prainha às quatro horas e são apenas duas! Com duas horas de antecedência meu marido não podia adivinhar que perderia a barca! Aqui há coisa.

Naquele dia o marido não apareceu em Petrópolis e, no dia depois, quando a senhora lhe pediu uma explicação, ele não se atreveu a dizer-lhe que o progresso agora era tal que os telegramas chegavam ao seu destino antes de mandados, ou que houvesse duas horas de diferença entre o fuso horário do Rio de Janeiro e o de Petrópolis.

João Saraiva deu a D. Senhorinha uma razão esfarrapada, que ela fingiu aceitar, e na manhã seguinte entrou furioso no escritório, dirigindo-se imediatamente a um dos empregados.

— Ó, seu Barros, a que horas você passou anteontem aquele telegrama?

— Logo que o senhor me deu.

— Fez uma grande melecada! Pode limpar a mão à parede! Pois eu não lhe disse que só o passasse depois das quatro horas?

— Disse, disse; mas, como tive que ir lá para os lados do Telégrafo, achei que não houvesse problema.

— Ora, valha-o Deus, seu Barros! Você deu fim a minha **tranquilidade** doméstica.

D. Senhorinha desceu imediatamente de Petrópolis e nunca mais quis saber de temporadas por lá, com medo de que o marido continuasse a perder a barca.



SCHLOSSER

## O cuco

Não havia meio de conseguir que o Roberto ficasse uma noite em casa, fazendo companhia à senhora: sempre tinha que sair depois de jantar, sozinho, e só voltava às dez, às onze horas e algumas vezes mesmo depois da meia-noite.

A senhora, que era uma santa, como todas as mulheres de maridos notívagos, não reclamava, não pedia ao Roberto que a levasse consigo, não lhe perguntava, sequer, por onde tinha andado quando o via chegar um pouco mais tarde, o que raras vezes acontecia, porque, em regra, quando o cuco da sala de jantar dava dez horas, já ela, coitadinha!, estava ferrada no sono.

O cuco da sala de jantar era um dos mais curiosos que ficaram no Rio de Janeiro, do tempo em que foram moda: pertencera à avó de Roberto, e este por dinheiro nenhum se desfaria de tão preciosa relíquia de família, que era ao mesmo tempo saudosa recordação da infância.

As horas eram dadas por um pássaro mecânico. Saía este da sua gaiola, abria o bico e se punha a cantar lentamente: “Cuco, cuco, cuco...”. O Roberto, quando criança, imitava-o a ponto de enganar as pessoas de casa.

Uma noite o nosso herói foi ao Cassino Nacional e se deixou tentar por um amigo que o convidou para cear com ele e duas *chanteuses*, uma *gommeuse* e outra *excentrique*<sup>1</sup>.

Depois da ceia, o amigo partiu com uma delas para Citera, também conhecida como Copacabana, e o Roberto foi obrigado a acompanhar a outra a uma pensão da Praia do Russel.

Quando ele deu por si, eram quase quatro horas da madrugada! Oh, diabo!, a essa hora nunca tinha entrado no lar doméstico!

Meteu-se num carro de praça, que lhe apareceu providencialmente, e voou para casa. Abriu a porta com toda a cautela e, antes de subir a escada, tirou as botinas, para não fazer barulho.

O seu quarto — seu e de sua esposa — era colado à sala de jantar e era preciso atravessar esta para entrar lá.

Ele atravessou, mas, como estivesse no escuro, esbarrou numa cadeira, que caiu com estrondo.

Logo o Roberto ouviu a senhora remexer-se na cama e disse consigo:

— Bolas! Acordei minha mulher!

Ela perguntou:

— És tu, Roberto?

— Sim, sou eu.

E o marido acrescentou para si:

— Felizmente não sabe que horas são.

Mas, nisto, o cuco saiu da gaiola e começou a cantar lentamente: “Cuco... cuco... cuco... cuco...”.

— Estou perdido! — pensou o Roberto; mas uma **ideia** luminosa atravessou de repente o seu cérebro, e, quando o pássaro cantou pela quarta vez e voltou para a gaiola, ele continuou:

“Cuco... cuco... cuco...”, até completar onze cucos.

O próprio Roberto não sabia que ainda imitasse o pássaro com tanta perfeição.

<sup>1</sup> Duas cantoras, uma elegante e outra extravagante.

— Onze horas — disse ele depois do décimo primeiro cuco.  
Achei que fosse mais cedo!  
E começou a se despir.  
A santa senhora voltou-se para o outro lado e adormeceu  
de novo. Não deu pela coisa.



SCHLOSSER

## Paulino e Roberto

O Paulino toda a vida remou contra a maré! Para cúmulo da desgraça, o destino atirou-lhe nos braços uma esposa que não era precisamente o sonhado modelo de carinho e dedicação.

Adelaide não lhe perdoava por ele ser pobre e ganhar apenas o necessário para viver. O seu desejo era ter um vestido por semana e um chapéu de quinze em quinze dias, possuir um pequeno cofre de magníficas joias, deslumbrar a Rua do Ouvidor, frequentar bailes e espetáculos, tornar-se a rainha da moda. Não se podia conformar com aquela vida de privação e trabalho.

O Paulino, que era a bondade em pessoa, angustiava-se muito por não poder proporcionar à sua mulher a existência que ela ambicionava. Fazendo um exame de consciência, o mísero acusava-se de haver sacrificado a pobre moça, que, bonita e espirituosa como Deus a fizera, teria facilmente encontrado um

marido com recursos bastantes para satisfazer todos os seus caprichos de patricinha sem dote.

Ele só tinha um amigo, um amigo íntimo, seu companheiro de infância, o Vespasiano, que um dia lhe disse com toda a brutalidade:

— Tua mulher é insuportável! Eu, no teu caso, mandava-a para o pasto!

— Oh! Vespasiano! Não digas isso...!

— Digo, sim, senhor! Digo e redigo... Vocês não têm filhos; portanto, não há consideração nenhuma que te obrigue a aturar um diabo de mulher que todos os dias te passa na cara a tua pobreza, como se ela houvesse trazido algum dinheiro para ti e tu o esbanjasses!

— Isso não é conselho que se dê a um amigo, nem eu tenho razões para me separar de Adelaide.

— Pois não te parece razão suficiente essa eterna humilhação a que ela te condena?

— Pois, sim, mas quem me manda ser tão azarado?

— Não penses que, se melhorasses de posição, ela melhoraria de gênio. Aquela é das tais que nunca estão contentes com a sorte, nem se lembram de que Deus dá o frio conforme a roupa. Se algum dia chegasses a ministro, ela não te perdoaria não seres presidente da República!

— Estás exagerando.

— Pode ser; mas te garanto que mulher assim eu não ia querer nem pesada a ouro! Prefiro ficar solteiro.

Efetivamente, Vespasiano, apesar de ser muito amigo de Paulino, não frequentava sua casa, tal era a antipatia que lhe causava a presença de Adelaide. Não a podia ver.

Paulino em vão procurava por todos os meios e modos melhorar de vida, aumentando o pouco rendimento, quando um comerciante, seu conhecido, lhe propôs uma pequena viagem ao Rio Grande do Sul, para a liquidação de certo negócio. Era empresa que poderia lhe deixar uns belos trocados, se fosse bem sucedida.

Instigado pela mulher, a quem sorria a perspectiva de alguns vestidos novos, Paulino partiu para o Rio Grande a bordo do Rio



Apa; tendo, porém, desembarcado em Santa Catarina, perdeu, não sei como, a embarcação e foi obrigado a esperar por outra.

Antes que essa outra chegasse, recebeu a notícia de que o Rio Apa tinha naufragado, não escapando nenhum homem da tripulação, nem passageiro algum. Do próprio barco não havia o menor vestígio. Sabia-se que tinha naufragado porque desaparecera.

Paulino agradeceu a Deus por ter escapado milagrosamente ao naufrágio.

Ao ver o seu nome impresso, nos jornais, entre os das vítimas, atravessou seu espírito a **ideia** de calar-se, fazendo-se passar por morto. Não sei se ele teria lido o Zola, ou a *Viuvinha*, do nosso Alencar<sup>1</sup>.

— Em vez de me livrar da Adelaide, como aconselhava o Vespasiano, vou livrá-la de mim. Ora, está dito! Seremos ambos assim mais felizes...

Ninguém o conhecia em Santa Catarina, e ele, sempre sombrio e reservado, a ninguém se queixara de haver perdido a viagem, de modo que pôde executar perfeitamente o seu plano. Calou-se, muito caladinho, e deixou que a notícia da sua morte circulasse livremente, como a dos demais passageiros do Rio Apa.

É desnecessário dizer que mudou de nome.

Tendo feito amizade com um rico industrial teuto-brasileiro<sup>2</sup>, ex-colono de Blumenau, foi com este para o interior da província e, como era inteligente e trabalhador, não tendo mulher que o “encabulasse”, arranhou muito bem a vida, conseguindo até juntar alguma economia.

Passaram-se anos sem que Roberto, o ex-Paulino, tivesse notícias de Adelaide.

Resolveu um dia ir ao Rio de Janeiro, a passeio, convencido de que ninguém mais se lembrava dele, nem o reconheceria, pois deixara crescer a barba, engordara extraordinariamente e tinha um tipo muito diferente do de antes.

O seu primeiro cuidado foi passar pela casinha de porta

---

<sup>1</sup> Émile Zola, escritor naturalista francês; *A viuvinha*, romance de José de Alencar.

<sup>2</sup> Relativo à Alemanha e ao Brasil.

e janela onde morava, na Rua do Alcântara, quando embarcou para o Sul. Não a encontrou: tinham erguido um prédio no local antes ocupado pelo ninho dos seus amores sem felicidade. Informou-se na venda próxima que fim levava a viúva de um tal Paulino, morador naquela rua, naufrago do Rio Apa; ninguém se lembrava dessa família, e ele teve a sensação de que era realmente um defunto.

Procurou ver Vespasiano e viu-o, quando saía da Alfândega, onde era empregado. O seu movimento foi correr para o amigo e dizer-lhe: “Olha! Sou eu! Não morri! Venha cá me dar um abraço!”; mas se conteve e deixou-o passar, saboreando um cigarro.

— Como está velho!, pensou Paulino; eu com certeza não o reconheceria, se achasse que ele estava tão morto como ele acha que estou! Melhor deixá-lo! Eu morri de verdade, e nada lucraria em ressuscitar, mesmo para ele, que era o meu único amigo.

O morto andou bem inspirado por não se dar a conhecer, porque, alguns dias depois, achando-se num bondinho da Praça Onze, atravessando a Rua do Riachuelo, viu entrar no carro o Vespasiano acompanhado por uma senhora que era Adelaide, sem tirar nem pôr.

Paulino conteve o natural susto que lhe causou aquela aparição.

Ela vinha muito irritada. Logo que se sentou, voltou-se com maus modos para Vespasiano e disse-lhe:

— Eu logo vi que você me dizia que não!

Paulino reconheceu a voz da sua viúva.

— Mas, reflète bem, Adelaide; aquele dinheiro está destinado para o aluguel da casa, e tu não tens assim tanta necessidade de uma capa de seda!

Adelaide soltou um longo suspiro e lançou esta queixa bem alto para que todos a ouvissem:

— Meu Deus! Que sina a minha de ter maridos lisos! Você ainda é pior que o outro!

— Ah! Se ele pudesse nos ver lá do outro mundo, murmurou entre os dentes Vespasiano, como riria de mim!

Roberto ficou muito sério, olhando com indiferença para a rua, mas Paulino riu-se, realmente, no fundo do oceano.



Schlesser

## De cima para baixo

Naquele dia o ministro chegou de mau humor ao seu gabinete e imediatamente mandou chamar o diretor-geral da Secretaria.

Este, como se fosse movido por uma pilha elétrica, estava, poucos instantes depois, na presença de sua excelência, que o recebeu com duas pedras na mão.

— Estou furioso! — exclamou o conselheiro. Por sua causa passei por uma vergonha diante de sua majestade o imperador!

— Por minha causa? — perguntou o diretor-geral, abrindo muito os olhos e batendo nos peitos.

— O senhor mandou-me na pasta um decreto de nomeação sem o nome do funcionário nomeado!

— Que está me dizendo, excelentíssimo...?

E o diretor-geral, que era tão calmo e humilde com os

superiores quão arrogante e autoritário com os subalternos, apanhou rapidamente no ar o decreto que o ministro lhe atirou, com risco de bater na sua cara, e, depois de pendurar a luneta no nariz, confessou em voz sumida:

— É verdade! Passou-me! Não sei como isto foi...!

— É imperdoável esta falta de cuidado! Deveriam merecer de sua parte um pouco mais de atenção os atos que têm de ser submetidos à assinatura de sua majestade, principalmente agora que, como sabe, está doente o meu oficial de gabinete!

E, dando um murro sobre a mesa, o ministro prosseguiu:

— Por sua causa esteve muito próxima uma crise ministerial: ouvi palavras tão desagradáveis ditas pelos imperiais lábios de sua majestade que dei a minha demissão...!

— Oh...!

— Sua majestade não a aceitou...

— Naturalmente; fez sua majestade muito bem.

— Não a aceitou porque me considera muito e sabe que a um ministro ocupado como eu é fácil escapar um decreto mal copiado.

— Peço mil perdões a vossa excelência — protestou o diretor-geral, terrivelmente impressionado pela palavra *demissão*. O acúmulo de serviço fez com que me escapasse tão grave falha; mas afirmo a vossa excelência que de agora em diante terei o maior cuidado para que não se reproduzam fatos desta natureza.

O ministro deu-lhe as costas e encolheu os ombros, dizendo:

— Bom! Mande refazer essa porcaria!

O diretor-geral saiu, fazendo muitas reverências, e, chegando ao seu gabinete, mandou chamar o chefe da 3ª seção, que o encontrou vermelho de raiva.

— Estou furioso! Por sua causa passei por uma vergonha diante do sr. ministro!

— Por minha causa?

— O senhor mandou-me na pasta um decreto sem o nome do funcionário nomeado!

E atirou-lhe o papel, que caiu no chão.



O chefe da 3ª seção apanhou-o, confuso, e, depois de se certificar do erro, gaguejou:

— Queira vossa senhoria desculpar, sr. diretor... são coisas que acontecem... havia tanto serviço... e tudo tão urgente...!

— O sr. ministro ficou, e com razão, descontrolado! **Tratou-me** com toda a consideração, com toda a gentileza, mas notei que estava fora de si!

— Não era o caso para tanto...

— Não era caso para tanto? Pois olhe, sua excelência **disse-me** que eu devia suspender o chefe de seção que me mandou isto na pasta!

— Eu... vossa senhoria...

— Não o suspendo; limito-me a fazer-lhe uma simples advertência, de acordo com o regulamento.

— Eu... vossa senhoria.

— Não me responda! Não faça a menor observação! **Retire-se** e mande refazer essa porcaria!

O chefe da 3ª seção retirou-se confundido e foi falar à mesa do secretário, que tão mal copiara o decreto:

— Estou furioso, sr. Godinho! Por sua causa passei por uma vergonha diante do Sr. diretor-geral!

— Por minha causa?

— O senhor é um empregado incompetente, preguiçoso, desleixado, incorrigível! Este decreto não tem o nome do funcionário nomeado!

E atirou o papel, que bateu no peito do secretário.

— Eu devia propor a sua suspensão por quinze dias ou um mês: limito-me a repreendê-lo na forma do regulamento! O que eu teria ouvido, se o sr. diretor-geral não me tratasse com tanto respeito e consideração!

— O expediente foi tanto que não tive tempo de reler o que escrevi...

— Ainda o confessa!

— Confiei-me que o sr. chefe passasse os olhos...

— Cale-se...! Quem sabe o senhor pretenda me ensinar quais sejam as minhas atribuições...?!

— Não, senhor, e peço-lhe que me perdoe esta falta...

— Cale-se, já lhe disse, e trate de reformar essa porcaria...!

O secretário obedeceu.

Acabado o serviço, tocou a campainha.

Apareceu um contínuo.

— Por sua causa passei por uma vergonha diante do chefe da seção!

— Por minha causa?

— Sim, por sua causa! Se você ontem não tivesse levado tanto tempo para me trazer o caderno de papel imperial que lhe pedi, eu não teria passado a limpo este decreto com tanta pressa que comi o nome do nomeado!

— Foi porque...

— Não se desculpe: você é um contínuo muito relaxado! Se o chefe não me considerasse tanto, eu estava suspenso, e a culpa seria sua! Retire-se!

— Mas...

— Retire-se, já lhe disse! E deve dar-se por muito feliz: eu poderia queixar-me de você...!

O contínuo saiu dali e foi vingar-se num servente negro, que cochilava num corredor da secretaria.

— Estou furioso! Por tua causa passei pela vergonha de ser repreendido por um João-ninguém!

— Por minha causa?

— Sim; quando te mandei ontem buscar na portaria aquele caderno de papel imperial, por que demoraste tanto?

— Porque...

— Cala a boca! No seu lugar, eu andaria muito direitinho, entendes? Porque, no dia em que eu me queixar de ti ao porteiro, estás no olho da rua! Serventes não faltam...!

O negro não respondeu.

O pobre-diabo não tinha ninguém abaixo de si, em quem pudesse descontar a agressão do contínuo; entretanto, quando, depois de jantar, sem vontade, no pega-bêbado, entrou no prédio velho em que morava, deu um tremendo pontapé no seu cão.

O mísero animal, que vinha alegre dar-lhe as boas-vindas, grunhiu, grunhiu, grunhiu e voltou a lamber humildemente os seus pés.

O cão pagou pelo servente, pelo contínuo, pelo secretário, pelo chefe de seção, pelo diretor-geral e pelo ministro...!



# História de um dominó

Perdoem-me os leitores se eu, sempre alegre, venho **contar-lhes** uma história triste, num dia em que todos estão predispostos ao riso; mas... que querem? Tenho uma natureza especial: o carnaval me entristece, e o “Abre alas, que quero passar” soa aos meus ouvidos como um canto de agonia e de morte.

Dado esse pequeno cavaco, saibam os leitores que conheço um homem, o Abreu, que é o mais triste dos homens: só se sente feliz na solidão e no silêncio, não tem amigos, vive só e nunca ninguém o viu rir, nem mesmo sorrir.

Entretanto, esse casmurro, chegando o carnaval, veste um dominó e sai à rua mascarado. Isso é fato todos os anos.

O ano passado, um vizinho teve a curiosidade e a paciência de se mascarar também para acompanhá-lo a certa distância e observar o que ele fazia.

Era domingo de carnaval; toda a população estava na rua. O Abreu saltou do bonde, o mesmo bonde em que vinha o

curioso que o acompanhava, um bonde do Catumbi, o bairro onde moravam ambos, e desceu com muita dificuldade a Rua do Ouvidor. Chegando em frente à casa de um alfaiate, em cuja porta estavam sentadas algumas donas e donzelas à espera de outras pessoas, parou, encostando-se na parede da casa da frente, e ali se deixou ficar, pegando no grupo das senhoras os olhos, que faiscavam através dos dois buracos da máscara de seda.

O Abreu demorou-se ali seguramente meia hora, e o vizi-nho, cansado de esperar, resolveu abandoná-lo, dizendo consigo: “Ora! É um esquisito...! Melhor deixá-lo...!”.

Deixou-o realmente, mas uma hora depois voltou e ainda lá encontrou o Abreu, no mesmo ponto e na mesma posição em que o havia deixado. Examinou então com mais cuidado o grupo das senhoras e reconheceu, surpreso, que uma delas era a mulher do Abreu.

Sim, porque o Abreu tinha sido casado com uma bonita mulher que um dia o abandonou para se juntar com um sujeito que ele acreditava seu amigo e ao qual abria confiadamente as portas de sua casa. O amante lá estava por trás do grupo também à espera de outras pessoas. Toda a gente acha que eles são casados.

Desde que lhe aconteceu essa desgraça, o Abreu tornou-se triste, e sua tristeza durou e dura ainda, porque ele amava profundamente aquela ingrata. Amava-a tanto que neste mundo só uma coisa lhe proporcionava um prazer parecido: vê-la de perto.

Entretanto os leitores compreendem que o Abreu não poderia procurar **frequentemente** tão singular espécie de consolação e, nos raros encontros fortuitos que tinha com ela, não a encarava, de modo a satisfazer aquele apetite mórbido.

Mas, uma vez, há cinco anos, disseram-lhe que sua mulher tinha assistido ao carnaval sentada à porta do alfaiate e, no ano seguinte, o Abreu, metido num dominó alugado, foi verificar se ela escolhera o mesmo ponto. Encontrou-a e, durante muitas horas, conseguiu vê-la de perto e à vontade.

Daí por diante, o infeliz marido não perdeu um carnaval e é muito provável que amanhã lá esteja a postos em frente à casa do alfaiate. Os leitores, com alguma paciência, poderão certificar-se de que este conto não é inventado.



## O retrato

O meu querido amigo Emílio Rouède, que há dias faleceu, foi um homem espirituoso, que forneceria matéria para muitos contos ligeiros.

Em vez de inventar uma piada, vou contar a vocês uma historinha em que ele figurou e que tem, por conseguinte, o mérito de ser autêntica.

A coisa passou há um quarto de século pouco mais ou menos. Emílio Rouède tinha se casado havia poucos meses e estava estabelecido com fotografia na Rua dos Ourives, numa casa que foi demolida quando se tratou de construir a Avenida Central.

Um dia, a senhora Rouède, que era uma linda senhora, saiu sozinha à rua e foi acompanhada por um inconveniente, que, vendo-a sorrir, achou que ela sorrisse não dele, mas para ele.

Ela entendeu que o melhor era voltar para casa, e assim fez; o conquistador, porém, continuou a segui-la sem se perturbar.

Chegando à porta da casa, a moça olhou para trás, a fim de verificar se continuava a perseguição, e esse movimento animou o homenzinho, ao que parece: quando ela entrou, ele entrou também; ela subiu a escada, ele também subiu.

Emílio Rouède estava no ateliê, de blusa, trabalhando, e, ouvindo os passos de sua esposa, foi esperá-la no topo da escada.

O sujeito, quando reparou que havia ali um homem, não teve mais tempo de fugir. Madame Rouède apresentou-o ao marido:

— Aqui tens este senhor que tem me acompanhado por toda parte e entrou comigo. Não sei o que pretende.

— Sei eu, falou na hora o fotógrafo. Pretende tirar o retrato; não pode ser outra coisa.

E, voltando-se para o desconhecido, perguntou-lhe olhando por cima dos óculos, segundo o seu costume.

— Busto ou corpo inteiro?

O pobre-diabo, que não sabia mais de que buraco tinha saído, gaguejou:

— Busto... busto...

— Faça favor.

E levou uma hora a tirar seu retrato, que foi pago, ficando o retratado de ir buscá-lo daí a três ou quatro dias. Este queria apenas meia dúzia, mas Emílio Rouède convenceu-o de que devia encomendar duas dúzias e meia.

Quando o freguês saiu, Emílio Rouède disse à esposa, que gargalhava:

— Tenho pena de não ser dentista, em vez de fotógrafo!

Não é preciso dizer que os retratos ficaram na fotografia.

